

INTRODUÇÃO

Patrícia Oliveira Teixeira

patriciaoliveirateixeira@gmail.com

Após a sua apresentação à comunidade científica e ao público em geral, com a publicação, em janeiro transato, do número 0, a *Revista Portuguesa de História da Comunicação* está de volta para a sua segunda edição de 2017. Este número 1 procura dar continuidade ao projeto que se apresentou na edição anterior, nomeadamente servir de plataforma aos historiadores da comunicação para que, nas suas páginas, possam dar a conhecer as suas investigações e para permitir a discussão sobre esta área de saberes. Aliado a estes dois pressupostos, e de uma perspetiva mais ampla, a RPHC pretende, ainda e sempre, contribuir para a difusão do conhecimento científico.

No seguimento de uma criteriosa avaliação por parte dos membros do Conselho Editorial, foram cinco os artigos escolhidos para figurarem no número 1 da *Revista Portuguesa de História da Comunicação*. É de realçar a qualidade dos textos seleccionados bem como a competência demonstrada pelos membros que participaram neste processo avaliativo. A autoria destes artigos reparte-se por investigadores portugueses e espanhóis, que se juntam num curioso encontro entre a pesquisa que se vai realizando nos dois países.

Ao contrário do número 0 que teve, para além da edição online, uma edição especial em papel, esta edição será exclusivamente online.

O primeiro artigo deste número 1, "Sátira periodística y sensación anticlerical en la España del primer tercio del siglo XX", da autoria de Antonio Laguna Platero e Francesc-Andreu Martínez Gallego, reporta-nos para os primeiros anos do século XX e para a relação entre a imprensa satírica e os ideais anticlericais das classes populares espanholas. Os autores procuram mostrar que os meios de comunicação da época, pretendendo estabelecer a sua hegemonia, foram usados para propagar tanto as ideias clericais como as anticlericais e que a imprensa satírica desta época, que teve como expoente máximo o semanário *La Traca*, se muniu das mais variadas estratégias para desempenhar o seu papel de opositor ao clericalismo (que foi apoiado durante muito tempo pelo poder político).

Helena Lima faz-nos recuar a finais do século XIX e apresenta o artigo "A evolução editorial do *Jornal de Notícias* e a inclusão de elementos de jornalismo popular". A autora informa que o JN, publicação que nasceu com um carácter político e que esteve, desde o seu início, ligada ao Partido Regenerador, evoluiu, já em inícios do século XX, para um formato de imprensa mais popular, acessível a um público mais vasto e diferente do habitual. Notada esta evolução, a autora analisa algumas das formas de jornalismo popular encontradas.

O século XIX e o início do século XX voltam a ter destaque no artigo assinado por Jorge Pedro Sousa e Patrícia Teixeira, "Belas páginas esquecidas da história do jornalismo português: as três primeiras gerações de revistas ilustradas e a vulgarização da informação iconográfica na imprensa portuguesa (1835-1935)". Levando-nos para os primórdios das revistas ilustradas

em Portugal, 1835, os autores definem três gerações destas publicações: a primeira de caráter mais enciclopédico; uma segunda apelidada de geração de transição, onde já se narravam acontecimentos da atualidade; e a terceira e última geração de revistas ilustradas que já combinava as notícias escritas com a cobertura gráfica das mesmas.

Afastando-se, de certa forma, das investigações apresentadas até aqui, Nuno Moreira, no artigo intitulado "Da História da Historiografia à História e Historiografia da Comunicação: algumas observações teórico-metodológicas" procura demonstrar que a História da Historiografia é uma disciplina que promove relações com outros âmbitos, destacando, neste caso, a História e Historiografia da Comunicação, muito importantes para enfrentar os desafios das sociedades contemporâneas. O autor discorre, ainda, sobre o lugar da História da Comunicação, discutindo a sua pertinência e importância (ou falta dela) e analisando algumas das suas práticas atuais, numa tentativa de "pôr" a dialogar a História da Historiografia com a História e Historiografia da Comunicação.

O último artigo é da autoria dos jornalistas Wilton Fonseca e Mário de Carvalho que resolveram, e bem, enveredar pelo mundo académico e mostrar alguma da investigação que se encontram a fazer sobre as agências de notícias. Em "Para a história do jornalismo de agência em Portugal", os autores contam-nos como surgiram as primeiras agências noticiosas portuguesas, a Lusitânia, em 1944, e a Agência de Notícias e Informações, ANI, em 1947, bem como todas as vitórias e dificuldades que as mesmas tiveram de vivenciar.

Num momento em que as férias de verão estão a terminar e que as baterias estão quase carregadas para um novo ano letivo, espera-se que a imersão pelas páginas desta revista sirva de inspiração para uma reentré mais animosa.